

# Cronos Da Crônica | Rachel de Queiroz – o nosso humilde ofício de escrever

*Por Gustavo Magnani*

Rachel de Queiroz; escritora – romancista, tradutora, cronista [das espetaculares], dramaturga, jornalista, humana e MULHER. Por que destacar o sexo? Primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras. Primeira mulher a ganhar o Prêmio Camões. Além de prêmios, aos 20 anos, no início da década de 30, publicou seu primeiro livro: “O Quinze”, retratando a grande seca do ano de 1915 que afligiu o Ceará. Como toda literatura regional, mostrou as mazelas do povo. No entanto, o grande choque foi o sucesso que a obra alcançou. Tanto de público quanto de crítica. Até lá, a figura feminina da literatura brasileira era quase inexistente. Por exemplo, abaixo reproduzo um curioso comentário de Graciliano Ramos, no livro “Caminhos de pedras”, de Rachel:

*“O quinze caiu de repente ali por meados de 1930 e fez nos espíritos estragos maiores que o romance de José Américo, por ser livro de mulher e, o que na verdade causava assombro, de mulher nova. Seria realmente de mulher? Não acreditei. Lido o volume e visto o retrato no jornal, balancei a cabeça:*

*Não há ninguém com esse nome. É pilhéria. Uma garota assim fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado.*

*Depois, conheci João Miguel e conheci Raquel de Queirós, mas ficou-me durante muito tempo a ideia idiota de que ela era homem, tão forte estava em mim o preconceito que excluía as mulheres da literatura. Se a moça fizesse discursos e sonetos, muito bem. Mas escrever João Miguel e O quinzenão me parecia natural.”*

Antes que alguém diga, Rachel não foi a primeira escritora brasileira. Antes dela, tiveram alguns símbolos fortíssimos como Ercília Nogueira Cobra, Maria Lacerda de Moura, Bertha Lutz, no entanto, de maior renome, hoje, certamente, Clarice, Rachel e Cecília fazem parte do auge feminino. [ao menos em renome, repito].

Como vocês já devem ter percebido, pela época em que a autora viveu e produziu, ela estava inserida no Modernismo. Sua obra, como já dito, é regionalista [não limitando-se à]. Uma parte do escândalo que ela causou na época, não foi apenas pelo ótimo livro. Mas, como já dito<sup>2</sup>, principalmente por ser uma mulher. Uma dama, tão nova ainda, não poderia escrever em uma linguagem tão enxuta, e ao mesmo tempo, tão viva. Misturava preocupação social com profundidade nos personagens [geralmente, personagens “marginais” – para se encaixar no contexto da história]. Ou seja, uma obra como essa, na época que foi publicada, já seria espetacular. Ainda mais espetacular foi por ter sido escrita pela Rachel.

Mulher que rompeu como o partido Comunista. Ao viajar para receber vários prêmios pelo “O quinze”, Rachel entrou em contato com o PC. O problema foi que, no lançamento de “João Miguel”, seu segundo livro, o Partido censurou a obra da autora. Exigiram mudanças na história, psicologia, desenvolvimento, no livro inteiro. O mais estranho é que a obra possui um conteúdo fiel às ideologias comunistas. Sobre isso, Rachel disse: “Os operários que compunham a aristocracia

dos grupos marxistas exigiam de nós obediência cega". Depois, ela se aproximaria dos trotskistas.

Sua carreira e produção é de dar inveja. Escrevia diariamente, num ritmo admirável. Durante 30 anos manteve uma coluna semanal na revista "O Cruzeiro", além de publicar em outros jornais, revistas e lançar livros. Os estudos de hoje apontam que Rachel foi o que mais poderia se chamar de "celebridade nacional" da época. Jamais abrindo mão de um empenho para defender suas ideias – um empenho tanto físico quanto psicológico.

E vale lembrar uma cena de filme na vida da escritora: Com a instalação do Estado Novo, em 1937 [lembram-se das aulas de História, né?], a autora foi presa durante três meses. O pior vem a seguir: seus livros foram queimados em praça pública. Isso prova que a literatura, mesmo no Brasil, possui uma forte influência na população. Afinal, se os livros de Rachel fossem "inofensivos", por qual motivo queimá-los?

Existem muitos momentos marcantes na vida de Rachel. Alguns, deixei propositalmente de fora. Tanto por espaço, por guarda-los para um futuro post. Afinal, a autora voltará pro "Cronos da Crônica" outras vezes. Ainda tem muito o que se analisar, discutir e mostrar. Hoje, por exemplo, não trago uma crônica social, ou introspectiva [no sentido de tristeza etc.], trago algo que considero incrível quando autores fazem. Falar sobre seu processo de criação. Quem já viu minha bio, no final de todos os posts que escrevo, está lá [e adora metalinguagem]. Pois bem, presenciem um interessante momento de metalinguagem, processo de criação, e até modéstia:

Não falarei da crônica especialmente, pois ela é razoavelmente grande [num tamanho que caiba aqui, mas, digamos "no limite"]. Além de ser de fácil compreensão e, pra analisa-la, ou melhor, discuti-la, visto que essa crônica é mais discussão do que análise, seria necessário um post extra.



## *O nosso humilde ofício de escrever*

Uma moça escritora pede que eu lhe explique como se faz um romance. Se a gente planeja tudo sistematicamente — o enredo, seus desenvolvimentos, os personagens, a inspiração sociológica ou “social”, romântica, histórica etc. E se escreve à mão, à máquina ou em computador. Bem, acho que todo romancista tem o seu processo especial de criar. Émile Zola, por exemplo, planejou a série dos Rougon Macquart — era a saga de uma família francesa, origem humilde, e suas lutas para conseguir poder e riqueza. Já outros, como por exemplo Dostoievski, parece que não planejavam nada, deixavam explodir aquele imenso coração torturado.

Mas nós, modestos escribas do Terceiro Mundo, não temos, eu creio, essas audácias criativas. E muito menos eu, que só faço os meus livrinhos quando eles querem sair. Ficam emitindo sinais, incomodando, e então sinto que está na hora de trabalhar. Na verdade sempre comparo a concepção de um livro à concepção de um filho. Sim, a uma gravidez. Quando você vê, o livro já está dentro, vivo e mexendo, bulindo com a sua cabeça, ocupando a cada dia espaço maior, fazendo você levantar de noite para tomar nota de uma frase — um pedaço de diálogo, o rascunho de um conflito. Daí, a sua idéia inicial vai se desenvolvendo, o tema se desdobrando, suscitando situações novas, personagens novos, que às vezes surgem de repente, inesperados; pode ser até num virar de esquina ou num bate-papo de bar. O fio vai se desenrolando do novelo, se embaraça e se desdobra, muda de cor e consistência, até adquirir uma identidade, personalidade, ou, digamos, uma feição própria. De certo tempo em diante você não governa mais a história, são os personagens que mandam. ■

Eles que exigem a sua coerência, eles que de repente querem falar, e às vezes, com alguma declaração ou atitude inesperada, alteram todo o plano da obra; o que, no meu caso, não é problema maior, pois que o meu plano já de si era fluido, sem programação rigorosa. Outra preocupação do ficcionista é a localização da história. Comigo, mantenho vagas relações com a geografia e a topografia, e, só quando se torna indispensável, conservo o nome real dos locais por onde perambulam as minhas figuras. Ninguém vá procurar no mapa o local verdadeiro onde se situa aquela fazenda, aquele tiroteio, aquela vila ou cidade. Ah, e tem ainda uma das partes mais penosas, que é o batizado dos personagens. Como mãe exigente, quero que cada um mostre quem é através do nome, que o nome lhe assente de cara e alma, e é difícil demais. Nome nenhum parece que dá certo, crio combinações, recorro à memória de infância. Por exemplo, aquela Xavinha de *Dôra Doralina* existe no livro tal como foi na vida — com o mesmo nome, personagem secundária, solteirona, beata, dentuça, cara amarela e, no meio disso tudo, uns doces olhos azuis. Para nós lá, olho azul é um luxo raro, uma dádiva especial. E parecia um desperdício de Deus Nosso Senhor dar aqueles olhos à Xavinha, que não merecia. Quanto aos demais protagonistas, os importantes, eu não diria, como Flaubert, que “*Madame Bovary c’est moi*”, mas você, autor, tem que se meter na pele de cada um dos seus personagens, encarnar neles, de certa forma ser eles — pois que você só conta para lhes dar vida, com a sua própria experiência. Tem que produzir um ser de verdade, não um simples retrato ou caricatura riscada no papel. Quanto ao ato de escrever, propriamente, só *O Quinze* escrevi de próprio punho, a lápis, num caderno de colegial. Os outros — eu já então tinha ganho uma maquininha Corona,

alemã, comprada por meu pai do nosso amigo frei Leopoldo Plass (que tinha os pulmões corroídos por gás tóxico, soldado que fora na Primeira Grande Guerra, e morreu como um santo).

Não entrei na era do computador, convivi com um, na casa de um amigo em Paris, que tinha um computador emprestado. Me deixei tentar, voltei, juntei o dinheiro necessário para comprar o meu micro, mas, na véspera do pagamento, a ministra Zélia me tomou a poupança; teimei, tinha uns dólares que sobraram da viagem, dava para pagar. Aí chegou o assaltante aqui em casa e carregou os dólares, junto com outras coisas. Fiquei abalada, ia desistindo, quando me telefonou um querido amigo de Minas dizendo que arranjara um contrabandista que trazia computadores do Paraguai. Encomendamos os nossos. E, daí a uma semana, o amigo telefona de novo, dizendo que o contrabandista tinha sido preso junto com os computadores. Era evidente que Deus não queria que eu possuísse computador! Ademais, minhas retinas não se davam bem com a telinha de luz tremelicante da máquina. Fiquei pois com a minha pequena Olivetti elétrica, que aliás já são duas, ambas ganhas de presente. Quando vou ao Ceará, já que a voltagem daqui é 110 e a de lá 220, uso a máquina do meu primo Jorge Barreira, um luxo! Nela foi batida grande parte da *Maria Moura*. E assim deixo aqui descobertos todos os meus segredos profissionais, tão sem importância e rotineiros quanto a obra e a autora que tentava se ocultar atrás deles.

Fonte: <http://literatortura.com/2012/08/21/cronos-da-cronica-rachel-de-queiroz-o-nosso-humilde-oficio-de-escrever/#more-5794>